

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

30.09.95 Padre Dupuis

MILTON GURAN - Na casa do padre Dupuis. Vamos retomar aqui. Nós estávamos discutindo, o senhor sabe que ontem fui para Porto Novo, na casa da senhora Patterson. Isso levou à prescrição de nossa entrevista¹. Ela não estava lá. E me levaram para dizer bom dia à mãe dela, que é Medeiros. O pai dela é Medeiros e a mãe dela não é Medeiros. Ela se casou com um Medeiros. E a senhora Medeiros tem 95 anos. Então, ela é muito velha. E eu cheguei, e ela ???². Seus olhos são ???³, ela enxerga muito mal, e, então, disseram que eu estava lá e que era brasileiro. Ela não podia me ver e ela falou em nagô, eu acho, porque eu não entendo as línguas daqui. Ela me falou numa língua qualquer. E então, quando ela soube que eu era brasileiro, ela me disse: “- Bom diè! Como passou?⁴”. Isso é português. É um português com um mau sotaque, mudado. Mas é português. Bondiè é bom dia. Como passou é a fórmula que utilizávamos há um século. Agora utilizamos “como vai”. Mas isso é português, está claro. Não tem nenhuma dúvida. E em várias situações, na festa do Bonfim, eu discutia com uma senhora por bastante tempo e ela me cantou uma canção brasileira, em brasileiro. Ela me cantou uma canção portuguesa. É bom que no Brasil são canções que eu conheço de outro tempo. E eu fiquei assim, no momento de partir, ela me disse ???⁵ e eu não entendi. E então ela repetiu. Foi aí que percebi que ela me falava em português e ela tem... E eu, eu comecei por perguntar às pessoas, sobretudo aos velhos, se eles se lembram de muitas coisas. É engraçado o que a gente percebeu, o que a gente percebeu é que os velhos falam às crianças “vem comer⁶” ou “vai embora”, e coisas assim, “você não está se comportando”, são mais coisas que os velhos falam para as crianças. E, então, eu recolhi várias expressões brasileiras. Então, eu penso que, há três gerações, as pessoas falavam português, eu acho.

PAUL DUPUIS - Acho que é preciso bem salientar que é realmente a comunidade católica que falou mais, que manteve todo esse português aqui. Porque os protestantes partiram de Ficetoun⁷ e, com a religião anglicana, com o pastor Samuel Cra [?]⁸ etc. Os protestantes rapidamente procuraram seja impor a língua deles, o inglês, seja a voltar aos costumes africanos, ou às línguas africanas. Eles trabalharam nesse sentido aí muito

¹ Há palavras rasuradas no início dessa frase, que termina com “a prescrição de nossa entrevista”.

² Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas de transcrição.

³ Idem.

⁴ “Bom diè” e “Como passou” estão escritos desta forma.

⁵ Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas de transcrição.

⁶ As palavras entre aspas estão em francês

⁷ Ficetoun ou algo parecido.

⁸ A caligrafia está difícil e a tinta apagada.

cedo. Com a bíblia que eles traduziram em iorubá desde 1890 por aí. Eles rapidamente abandonaram o português e tudo o que é propriamente do costume - canto, língua, dança, etc. - que é propriamente católico. E quando os padres chegaram, eles se colocaram o problema das línguas e eles se disseram: “- Que língua usaremos na escola, no catecismo, na liturgia? Vamos manter o português? Adotar o francês?”. Buscavam trabalhar com o povo local e eles hesitaram durante algum tempo. Mas, rapidamente eles adotaram o português.

MG - Bom, quando os padres chegaram?

PD - Eles chegaram em 1861.

MG - Chegaram em Uidá?

PD - Chegaram por Uidá.

MG - Eles já encontraram a capela do forte português?

PD - Eles encontraram a capela do forte? Eles encontraram aí um padre congolês que estava ???⁹ com a população e que as pessoas queriam expulsar, mais ou menos. E o...

MG - Já tinha a capela de Aguê.

PD - Ah, sim, que data de 1840, uns vinte anos antes da chegada dos padres. Então, se encontrando em Uidá, lhes propuseram o forte português, eles o fazem conduzir às ideias italianas¹⁰, ele falava espanhol¹¹. Ele aprendeu o português muito facilmente. O padre Fernandez era espanhol e ele aprendeu o português muito facilmente também. Então, eles adotaram a língua portuguesa. Então teria aí as línguas nativas, não é? E estando lá o espanhol e o italiano, eles adotaram o português facilmente. E eles perceberam que todos aqueles que se diziam batizados católicos eram, falavam o português e que na vida cotidiana as pessoas falavam português. Então eles se disseram: “- Por enquanto, o mais prático é falar o português”.

MG - São os padres de Lyon.

PD - Sim, os padres de Lyon. E, aliás, quando tinha cerimônias, eles mesmos contam, eles [?] [?]¹², eles adotaram as festas portuguesas, a festa do 8 de dezembro, na verdade todas as festas portuguesas. A festa do Sabat, a festa ??¹³, e eles fazem a escola em português. Bom, eles abriram a missão de Porto Novo. Aí também eles encontraram uma comunidade portuguesa. Mas eles chegaram durante o protetorado francês. Então, o almirante que comandava a estação naval foi assinar um protetorado. O almirante consentiu em dar um terreno aos padres com a concordância do rei, com a condição de que se falasse francês. Isso fez “palavras”...

⁹ Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas da transcrição.

¹⁰ Trecho confuso.

¹¹ Aparentemente o padre Dupuis se refere ao padre congolês.

¹² Aqui há duas palavras sem sentido: “serrent le diapeau”.

¹³ Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas da transcrição.

MG - ???¹⁴

PD - Sim, sim. E então, o método colonial francês, desde o início, era a civilização que os franceses queriam impor. Desde o começo. Agora, isso não agradava o padre ???¹⁵. Ele não estava contente com isso, ele era contra isso. E o... Depois, isso era em 1864, em Porto Novo.

MG - 1864.

PD - Três anos depois, eles abriram a missão de Porto Novo. Bom, quatro anos depois, 1868, eles foram para Lagos. Aí, lá eles encontraram o governador ???¹⁶ acho que muito mais liberal. Ele disse: “- Sim, evidentemente. Eu dou aos senhores um grande terreno, façam tudo o que vocês quiserem”. Eles não discutiram sobre essa questão e, então, foi o padre Douche que abriu a missão em Lagos. Ele é francês. Então, Douche, ele disse que tinha uma forte comunidade de portugueses dirigida pelo padre Antonio. Mas ele, o padre Douche, ele era muito ligado ao método direto com os africanos. Ele aprendeu o iorubá e ele queria ensinar o iorubá. Ele queria que, ao menos no catecismo e na liturgia se adotasse o iorubá. E ele mesmo trabalhou para aprender a língua iorubá. Mas, na escola, eles adotaram o inglês, porque eles perceberam que o inglês se difundia bastante. E eles não falam nada de português em Lagos.

MG - Até ???¹⁷. Ele era português.

PD - Ah, sim, era um português. Acho que eles tiveram que aprenderem rapidamente o iorubá e depois o inglês, para a escola. Os padres ficaram muito hesitantes em Porto Novo e em Uidá, porque os ingleses são muito influentes. Eles queriam tomar toda essa costa, eles traficaram, sobretudo em Porto Novo, para tentar se impor em Porto Novo. Sobretudo, porque os franceses queriam abandonar o protetorado em Porto Novo, no final, depois de um ano. E então, mas em Porto Novo os padres ficaram no português. Eles continuaram no português e tem o inglês, porque Porto Novo ao mesmo tempo, por volta de 1874-75, eles abriram Badagri, eles fizeram uma grande escola em Badagri, e tinha como um triângulo, o triângulo Badagri-Porto Novo que ia muito bem. Tinham três missões lá, três unidas, e os padres iam facilmente de uma para outra, para dizer que o trabalho da missão avançava bem. E eles concordaram em tentar usar o iorubá na liturgia, mas adotar o inglês na escola, pelo menos em Lagos. Em Porto Novo tinha duas classes. Uma classe de inglês e outra de francês.

MG - Mas o almirante, ele continuou muito ???¹⁸

PD - Muito, muito ???¹⁹. Eles brigaram com o rei e não funcionou, não é. Eles só voltaram depois de uma dezena de anos, o verdadeiro protetorado só foi definitivo por volta de 1880, por aí e...

¹⁴ Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas da transcrição.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

MG - 1883, eu acho.

PD - Sim. Ficou bastante vago por lá e os padres ficaram bastante livres, então, mas o... Existia uma divisão do ponto de vista da administração religiosa. O ??²⁰ do Benim foi separado em 1882. Em separando, uma prefeitura [ficou] com Aguê como centro. E Aguê e Uidá foram as duas únicas missões da prefeitura durante cinco ou seis anos. Eram as únicas missões onde os portugueses eram muito numerosos, onde os padres continuaram durante bastante tempo fazendo as liturgias e tudo em português.

MG - Quando falamos portugueses, falamos dos descendentes dos negreiros, dos escravos retornados.

PD - Ah, sim, todos, todos.

MG - Isso, não tem português. Isso quer dizer que, nessa época aí, até 1820, o Brasil não existia?

PD - Sim, era Portugal.

MG - Os portugueses tinham ido mesmo é para o Brasil e depois eles vieram aqui. Ou bem esses eram os filhos dos portugueses nascidos no Brasil. Eles vieram aqui, não eram os portugueses de Portugal. E se o forte português estava lá, ele era gerido pelo vice-rei português. Então, é para precisar isso. Eu li ???²¹ que era uma referência, os primeiros padres chegaram aqui e eles não ficaram contentes porque eles viram que as pessoas aqui têm uma certa implantação de catolicismo [mas] estavam muito ligadas com o vodu²². Já era um sincretismo. Então, é uma referência, foi o padre mesmo que falou isso. Eu reconheço que eu não me lembro.

PD - Não, eu nunca percebi um verdadeiro sincretismo entre os cristãos daqui. Mais uma vez, eu sempre percebi que eles sobrepunham os dois, eles praticam os dois. Mas de uma forma muito distinta, muito separada. Nós não vemos nos conventos vodus aqui imagens cristãs, crucifixos, estátuas da virgem Maria, de São José, São Gustavo, de... Não vemos isso. Eles não têm no culto vodu alguma referência no sentido católico. Isso me impressionou bastante. Mas eles vão à noite, quando a tarde cai, fazer práticas vodus, o Ifá²³ pedir oferendas para os vodus. Mas é bem separado. E o, os [?], eu acho que nós sempre lutamos duramente contra isso.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² O povo ewe-fom (fon ou Fo nu) é um dos principais grupos etnolinguístico da África Ocidental, no sul do Benim e no sul do Togo. Sua maior expressão histórica, política e social ocorre no Benim durante o Reino do Daomé. Esse povo tem uma tradição religiosa baseada no culto dos ancestrais onde o vodu (vodoun, vodun ou vodum) é uma força que paira acima de tudo e todos e da qual tudo depende. Os homens seriam produtos dessa força, que é transmitida pelo sopro.

²³ Em sua evolução, o vodu encontrou Ifá (cidade mítica dos povos iorubá da Nigéria e um sistema divinatório originário do Egito antigo, uma arte de ler o passado, o presente e o futuro, decifrando forças em jogo em uma determinada situação). O Ifá também é designado por Fá entre os fom e Afa entre os ewes.

MG - Contra o sincretismo.

PD - E, do lado dos Vodounon e Vodounsi²⁴, eles queriam bem ir ao culto católico, à igreja, à missa, se fazer batizar, mas sempre mantendo do lado a prática vodu deles. Então, lhes recusam isso. Evidentemente, eles não compreendem, porque eles distinguem bem entre os dois. Porque o verdadeiro vodu não se dirige a Deus. Deus não tem nada a ver no culto vodu daqui. Nada. Eles me dizem, eles dizem claramente, os vodus são para beber, para comer, para ter filhos, para ter dinheiro, e não é de forma alguma um culto rendido a Deus. Ele não se dirige a Deus. Eles dizem que Deus criou o vodu justamente para que as pessoas não se dirijam a ele [com coisas pequenas]. O homem é muito pequeno para se dirigir a Deus. Então, é para se ocupar da vida cotidiana que existem os vodus.

MG - Sim, normalmente a equipe de vodu, ela está pouco ligando para o que está acontecendo do lado. Quer dizer, a equipe, se você acredita, acredita, se você vem, vem, se você não vem, é um problema de fé. Ele, não quer. Eu jamais apresentei Brasil²⁵. Ele vive em uma era do vodu. O culto do vodu no Brasil, ele não vai a sua casa para dizer: “- Escute, vamos te fazer vir ao convento porque vamos fazer uma cerimônia vodu”. Entende? Dirão que os protestantes...

PD - Aqui o vodu não precisa disso. Porque isso eu acho que é muito importante, o vodu é uma instituição verdadeiramente comunitária. Isso foi estabelecido pelos ancestrais, não sei há quantos séculos atrás. Foi determinado pelo bem comum da comunidade, da família, do clã, da aldeia. Não tem nada a ver com uma superstição individual. Não é uma prática de ciência secreta, como o senhor vê na Europa. Você vai fazer a iniciação à...

MG - Rosa Cruz.

PD - Sim, às ciências ocultas, num interesse pessoal, individual. Aqui não é nada disso. Aliás, você não pode ir você mesmo pedir para ser iniciado. Não tem nunca a vontade entre eles, é realmente uma instituição comunitária, onde a comunidade que designa, pelo Fá, pela adivinhação, aqueles que serão vodounsi, vodounon, cedo ou tarde. Desde o nascimento, isso é decidido. As famílias sabem, são as crianças que vão ser como eles dizem, mortas pelo vodu e vão tornar-se vodounsi ou vodounon. E não tem, portanto, nenhuma liberdade, não tem nunca vontade entre eles. Eles me repetiram isso várias vezes. É por isso que eu fiquei muito cético quando etnógrafos, para pesquisas sobre o vodu, pretendem terem sido iniciados, mesmo Verger²⁶, eu não acredito nisso. Eu não acredito que alguém, que ele seja branco, negro, ou qualquer um, possa voluntariamente ir ao vodu para ser iniciado, não é possível.

²⁴ Algo como não-vodu e sim-vodu.

²⁵ “Je jamais présenté Brésil”, “eu jamais apresentei Brasil”, frase do manuscrito sem sentido.

²⁶ Pierre Verger.

MG - Verger se diz ???²⁷

PD - Sim.

MG - O Verger, ele é um adivinho de Fá. E para por aí. Não se trata de um vodounon.

PD - Mas tem uma referência à Kétou²⁸, onde ele estudou o Xangô²⁹, o vodu da tempestade. E ele pretende ter sido mais ou menos iniciado no Xangô. A mesma coisa para o Fá. O Fá já é um pouco diferente. Ele está, digamos assim, na base de todos os vodus. Tem Legba e Fá que são mal informados, que andam juntos, não é? E sendo que todas as cerimônias, os ritos que terão que ser feitos, os ditos, etc., tudo decidido pelo Fá. Então, é Fá que preside o vodu. Mas é um vodu à parte. Você não tem um vodu Kepamé onde os, existirão iniciados que vão se formar durante três anos, que não vai se reduzir a nove meses³⁰. Mas é um vodu à parte. Nesse sentido, você não é iniciado ao Fá, da mesma forma que para os outros vodus. Porque, para os outros vodus, é preciso que você se submeta a todas as provas de iniciação que vão fazer de você, por exemplo, não tem um vodounon, um vodounsi, ele é primeiro morto pelo vodu, tem uma cerimônia que se chama Hounfifon³¹, quer dizer que o vodu matou aquele que ele quer formar, tomar a vida para ele, e eles são ressuscitados para serem levados ao convento onde eles vão ficar vivendo sua vida de vodus por meses e meses, não tem isso para os..., primeiro, ninguém chama isso vodounon, aqueles que consultam o Ifá. Não os chamamos de Babalaô ou bem o Gbajbonon entre os [?].

MG - No Brasil os chamamos de babalorixá³².

PD - Sim, babalaô, sim. Esse é o termo vodu em iorubá. Mas, porque a ciência do Ifá é um conhecimento dos signos, devíamos estudar um pouco isso. É uma questão de memória. É preciso conhecer todos os signos, todos os provérbios, os contos. Tem um provérbio, um conto, que corresponde a cada caso de figura. Bom, então, precisa de bastante memória, porque eu acho que tem signos fundamentais de base, tem muitas possibilidades.

MG - O senhor conhece o I Ching³³?

PD - Certamente não.

MG - Eles devem conhecer o Ifá. Porque eles jogam com pequenas peças assim, pequenas moedas. Jogamos e elas formam traços assim. Traços juntos, um traço separado. Eles formam mesmo traços, como o Fá. E para cada caso de figura,

²⁷ Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas da transcrição. No contexto, a palavra que falta pode ser “iniciado”.

²⁸ Kétou, cidade do sudoeste do Benim, sede de um antiquíssimo reino iorubá, que retraça suas origens diretamente ao berço do povo iorubá, Ilê-Ifê.

²⁹ No manuscrito está escrito “Tchango”, mas tudo indica tratar-se de “Xangô”.

³⁰ Frase um pouco confusa no manuscrito original, confusão mantida na tradução.

³¹ Ou Hounfifon.

^{32,32} No manuscrito está escrito *gbajbonon orisha*.

³³ A palavra foi transcrita como “buching”, mas trata-se claramente do oráculo chinês I Ching.

corresponde um pequeno provérbio chinês e isso pode ajudar os provérbios chineses, é como o Fá. Eu, eu tenho um pequeno ???³⁴. Agora existe na França??³⁵. Mesmo na França. É muito interessante isso. Eu vou mandar um para o senhor.

PD - Podemos dizer que o Fá podia ser Babalao Boconon, é um pouco diferente do vodounon. Porque aí, aí podemos admitir as vontades. Porque não se trata no fundo, não é o vodu que te mata, que pega sua vida para ele, porque é um conhecimento um pouco acelerado. É um conhecimento exotérico que te ensinarão assim. Você vai para junto de um tipo que já é Babalao, ele vai te formar. Mas não é de jeito nenhum a mesma iniciação para o vodounon ou o vodounsi, aí, é uma iniciação muito, muito diferente. E eu repito ainda, como é a comunidade quem designa pelo intermédio do Fá desde o nascimento da criança, não tem nunca vontade aí dentro.

MG - É muito difícil de fazer isso? De se apresentar como voluntário poderia ser, eu não entendo³⁶. Por exemplo, se eu me decido de fazer a iniciação vodu, Xangô, preciso ir ao Brasil. Aqui...

PD - Aqui não. Evidentemente, eles vão fazer sinais, se você tem muito dinheiro, vão te fazer um filme, vão te fazer um pouco de teatro, de cinema, vão te fechar durante algum tempo, etc. Mas vão te drogar e tudo isso. Mas, como me disseram sempre, o que tem no fundo da cabaça, isso eles nunca vão te deixar ver, um estranho não saberá nunca. Na minha opinião, no fundo, tem um sujeito que faz uma reflexão muito profunda, muito justa. Ele disse: “– Mas, escute. O que tem na cabaça do vodu é o homem ele mesmo. É o homem que faz o vodu e ele instituiu [?]”³⁷, esse sistema de iniciar que são, em suma, eles mesmo que dizem, eles são os anjos guardiões da comunidade, eles são designados para o bem da comunidade e eles tornam-se, em suma, os guardiões da comunidade. E é algo de muito humano. Tem muito teatro dentro.

MG - Quer dizer que é compatível com a fé católica?

PD - É preciso distinguir, na ideia deles não é incompatível. Eles podem uma vez sair do convento e ir ao convento, ir ao catecismo, receber o sacramento e fazer os dois à parte. Porque eles dizem que o vodu os pegou, mas eles podem servir aos dois, a família, as pessoas da aldeia, eles têm o trabalho deles lá dentro, eles o fazem. Mas eles estão bem, bem conscientes de que, no vodu, [não]³⁸ tem um culto a Deus. Eles têm uma nostalgia, no curso da verdadeira visão. Então eles me pedem para vir aqui, ao catecismo, para ser batizado. Mas na hora dos bispos, dos padres, eles dizem não. Não há nada a fazer. É preciso escolher, ou você quer confiar em Deus em todas as coisas, ou você coloca, você joga jogo duplo. Mas para algumas coisas você vai para Deus, para outras, vai ver os homens, os vodus.

³⁴ Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas da transcrição.

³⁵ Idem.

³⁶ Frase confusa.

³⁷ “toutcerre”?

³⁸ Aparentemente falta a negação, pois o Padre Dupuis disse anteriormente que não há culto a Deus no vodu.

MG - O senhor trabalhou em Uidá durante quantos anos?

PD - Fui professor em Uidá, de 1951 a 1958.

MG - Mas o senhor foi cura lá?

PD - Não, eu era professor no seminário. Depois, estive em Dassazoumè, depois fui mais ao norte, depois de Dassazoumè.

MG - Sempre como professor?

PD - Não, eu fui cura lá. E depois, eu estava mais ao norte ainda, em Kilibo, em Tchaouvou. Lá são os iorubás, é diferente o costume. E depois, na sequência, voltei para Bohicon. E depois Zakpota, na região de Abomé.

MG - Então o senhor fala o fom?

PD - Oh, eu, eu estou mais a vontade em iorubá, porque eu vivi bastante tempo, eu fiquei muitos anos em kilibo, em Savè, no país iorubá. Eu prefiro a língua deles. Eu acho o iorubá muito mais agradável de escutar do que o fom. O fom é uma língua dura. Tem os “agás” (hs), os houè. É uma língua de guerreiros, enquanto que o iorubá é uma língua doce, tem muito “a”, “you”. Nas danças deles, é tudo muito diferente. Os fom dançam com brutalidade, enquanto os iorubás, os gounbé³⁹, os nagô é langoroso, é completamente diferente.

MG - É que ???⁴⁰. Aí, ela é ioruba, a língua aí???⁴¹

PD - Sim, sim. É um policial, da fronteira da região ???⁴². É nagô.

MG - É um policial.

PD - Não, ele me deu isso. Ele me trouxe um dia como presente.

MG - Ah, sim, porque os policiais ???⁴³

PD - Eu acho que os, aliás, é claro, os missionários católicos, sobretudo da parte de Aguê, Uidá, Porto Novo, adotaram a língua e os costumes brasileiros. E isso, isso foi praticamente até a conquista.

MG - Nos anos 90.

PD - Até 90, sim. Eu diria que, eu não sei se o senhor sabe que tem uma professora na universidade de Lyon que fez uma tese sobre as missões católicas, o choque de culturas.

MG - Na Universidade de Lyon?

³⁹ Gounbé, goun ou gum.

⁴⁰ Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas da transcrição.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

PD - Sim, uma tal de Grosso. Senhora Christine Grosso. Então, ela, sua tese, é que os missionários importaram a cultura francesa no Daomé. Então, eu não concordo com ela, porque ela, na liturgia, o catecismo, isso foi o francês, o culto, enfim, tudo o que eles tinham como cultura cristã francesa, eles colocaram aqui no Benim. E eu, eu penso que ela não aprofundou a questão, ela não respondeu. É verdade a partir da conquista, a partir desse momento, com a influência do governo francês.

MG - A missão é em 1861 ou 1862?

PD - 1861.

MG - A primeira capela é a do forte português. Devemos saber que é o começo do século 18. Porque o forte português é de 1720. Então, a primeira capela foi [construída] em 1721. Porque os portugueses são assim. Eles constroem capelas e tudo isso logo que chegam, eles trazem um padre.

PD - Sim, a capela dos portugueses, eles chamam isso de paróquia. Na realidade, o senhor sabe isso agora, os portugueses nunca foram missionários na costa da África. Eles não tinham nenhuma intenção de converter os nativos. Eles se ocupavam dos militares deles que estavam lá, o forte, a guarnição, e depois os comerciantes, os portugueses brasileiros que estavam lá. Eles não se ocuparam de forma nenhuma da população, então, eles não foram de modo algum missionários. E aí, quando os missionários propriamente ditos chegaram, eles foram pegos nessa corrente portuguesa, e tendo que lidar com os brasileiros, com uma forte comunidade, aquela dos brasileiros, eles continuaram com esse registro. E é realmente por uma questão de converter os nativos, de um lado eles se confrontaram com a oposição dos reis do Abomé, e de outro, eles ignoraram a língua. Portanto, eles não procuraram mudar as coisas. E então, a partir da conquista, isso é muito claro, o segundo vigário apostólico, o segundo bispo que esteve no Daomé foi de 1905 a 1935. O monsenhor Staimertz era um alsaciano, ele sempre trabalhou em Uidá. No início, ele tinha chegado em 1892, portanto exatamente no momento da conquista, e ele foi nominado em Uidá. E ele conta longamente, ele diz que sua grande preocupação era, de um lado, não abandonar a comunidade dos brasileiros, os portugueses sendo muito numerosos, e, de outro, se ocupar um pouco dos pagãos propriamente ditos, e depois, realizar uma união, uma aproximação entre eles, os brasileiros, de um lado, que eram cristãos há muito tempo, e os novos cristãos, vindos do paganismo.

MG - Ele deixou uns de lado.

PD - Ele diz que isso foi um dos grandes problemas desde o início.

MG - Como ele resolveu esse problema? Como as coisas se passaram?

PD - De um lado, ele frequentou bastante o meio dos brasileiros, e de outro, ele buscou, ele se pôs a aprender a língua fom, ele se fez amigo dos voundounon, ele falou sobre isso longamente. Assim, ele buscou conhecer bem também a comunidade pagã. E depois, na sequência, ele tentou fazer uma aproximação. Tem um... O senhor ouviu falar do Padre

Aupiais, eu acho que foi ele que... À propósito do monsenhor Staimertz, quando ele era o superior na missão de Uidá, ele tentou conhecer e se aproximar das duas comunidades. Eu vou achar para o senhor o artigo, eu vou procurar.

MG - Agradeço ao senhor pelo artigo. Eu vou procurá-lo. E então, no início tem as comunidades e as relações dos missionários levaram ao seio da igreja outras pessoas. Agora, os cristãos, até o presente, nesse momento agora, o que se passa entre as duas comunidades? Os brasileiros, os ditos brasileiros, estão completamente integrados, não há mais diferença em Uidá, entre as duas comunidades, aqueles que são, por exemplo, brasileiras, e os outros. Ou será que existe ainda alguma coisa diferente entre os brasileiros e os outros?

PD - Digamos que ainda existe um complexo de superioridade entre os brasileiros, com certeza.

MG - Até agora.

PD - Eles mesmos eles se dizem brancos, aliás. Mesmo os mais negros entre eles, eles se dizem brancos, eles se diziam muito superiores à massa. Então, eu acredito, em certa medida, eu acho que isso os preservou do sincretismo. Porque eles, inclusive o primeiro padre daqui compreendeu isso, mesmo as alunas das freiras, as jovens brasileiras, de família brasileira, que estavam no internato com as freiras, elas exigiam ter a disposição delas um pequeno escravo pego entre os pagãos. Elas queriam ter.

MG - Em que época isso?

PD - Desde os anos 1870, 1880. Elas chegavam com seus pequenos escravos. E quando elas chegavam entre as freiras, elas exigiam manter seus pequenos escravos negros. Então, isso traduz imediatamente uma mentalidade, o senhor percebe? Tem todo um complexo e certamente isso deve tê-los preservado do sincretismo religioso, porque eles têm por trás uma religião católica e eles nunca buscaram se misturar com a massa pagã. E eles não foram, eles não frequentaram muito o meio vodu, tudo isso por causa desse complexo. Aliás, eu acho que o que preservou nossos cristãos do sincretismo que vemos no Brasil é que o vodu era uma instituição comunitária muito forte onde não é possível aceitar voluntários, você não pode ir entre eles para conhecer os segredos deles, os ritos deles, tudo isso. Mas vimos, mesmo assim, casos nos meios propriamente pagãos, entre eles, aqueles que vêm de um meio realmente pagão. Eles vieram ao cristianismo frequentemente por intermédio da escola, aliás. E, bom, tivemos alguns casos de pessoas que verdadeiramente se entregaram ao vodu e deixaram, viraram completamente.

MG - Sabemos que esse sincretismo, eu não conheço o caso do Haiti. Mas existem pistas razoáveis, é preciso pensar nisso, considerar, porque os vodus representados no Brasil, eles não tinham a mesma representação aqui na África. Os vodus que estavam lá existem ainda nas comunidades. Quer dizer, os vodus, eles representam essa imagem aí. Tem uma família que é protetora do vodu e isso passa de pai para filho. E tem essa

família que é a família dos proprietários do vodu. É dele, pertence a essa aldeia, a esse rei, etc. Os escravos, quando eles chegaram no Brasil, tinham restos desse tipo aí. Então, misturaram rápido na mesma casa o Xangô⁴⁴, Ogum, tudo isso, porque não tinha mais a ligação com a aldeia. E então, tem primeiro um sincretismo entre o culto de vários vodus e mesmo um sincretismo entre os vodus e os orixás, entre os cultos dos iorubás, dos minas, etc. Os diferentes vodus estão juntos no Brasil em uma única casa e cabe a cada um pegar seu vodu. Então, veja, há um sincretismo no meio do vodu. E não era realmente um sincretismo de ???⁴⁵. Eu acabei de entender coisas, compreendi bem isso, era um disfarce, quer dizer, faziam o culto para Ogum, disfarçaram esse culto em ???⁴⁶, porque todos os escravos eram batizados à força, eles eram católicos à força. Então, tinham ???⁴⁷ católicos que, mais ou menos, a festa caía, faziam no mesmo momento da festa aqui. Ou que eles decidiram de fazer a festa lá⁴⁸. Então, eles colaram os dois. Porque São Jorge mata um dragão, ele foi um guerreiro e tal, e é a festa de São Jorge. As pessoas aproveitam e fazem os louvores. Eu acho que isso aconteceu um pouco assim. Se a realidade é completamente diferente, então a gente não pode alcançar. É mesmo sobre isso, eu não conheço muito bem. Porque sim...⁴⁹.

PD - Porque houve aqui casos de ???⁵⁰ cristãos batizados tendo praticado durante certo tempo e que depois voltaram completamente. Mas um pouco por medo. Por interesse, por medo. Porque, como eles estão na comunidade negra aqui, o indivíduo não conta, é a comunidade, é a família que conta. O indivíduo, ele tem o papel ou bem para marcar o interesse que se acredita ser o interesse da comunidade. É assim que eles vão pegar⁵¹ uma criança, colocá-la no vodu sem consultar sua liberdade, sua vontade. E eles vão lhe impor de ficar lá, por medo. Da mesma forma, pode haver cristãos que estiveram às vezes no internato, na missão, entre os padres, e que voltaram para suas famílias e ali eles vão fazê-lo compreender que a gente do vodu os escolheu⁵² e por medo eles vão aceitar fazer isso. E vão envenená-lo se ele recusar. Ou então, por interesse, porque o dinheiro que a gente encontra lá, que seja dito, não é tampouco escondido. Aliás, eles usam colares de coris⁵³ e o cori é dinheiro. Eles não escondem isso. E isso é muito forte aqui, e então a comunidade de brasileiros, propriamente dita ficou fora dessas ideias. Eles, quando vão ao vodu, é um pouco por superstição, por interesse, não é. Eles vão consultar o Fá e pedir oferendas, sacrifícios, por interesse, ou bem por respeito aos ancestrais.

⁴⁴ No manuscrito está escrito “Xangô”, mas parece tratar-se de “Xangô”.

⁴⁵ Pontos de interrogação no manuscrito. Dúvidas da transcrição.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ “il y avait ?? catholiques qui, plus ou moins, la fête tombaient, faisaient dans le meme moment la fête ici. Ou qu'ils ont decide de faire la fête là bas” – frase confusa, talvez tenha havido falha na transcrição.

⁴⁹ “Si la réalité est complètement différente. Donc on ne peut pas attendre. C'est meme là dessus, je ne connais pas trop. Parce que oui” – frases confusas, talvez tenha havido falha na transcrição.

⁵⁰ Pontos de interrogação no manuscrito. Dúvidas da transcrição.

⁵¹ No manuscrito está escrito “vendre” (vender), mas parece ser “prendre” (pegar).

⁵² Les gens du voodoo les avaient pris pour garder (literalmente: as pessoas do vodu os pegaram para guardar).

⁵³ “Coris”, sem tradução em português.

MG - Um brasileiro, quando ele pega uma mulher ioruba, as mulheres iorubá são, bem, eu acho que depois de algumas gerações as coisas se misturaram um pouco. Eu pergunto um pouco como é que essas coisas se passam. As pessoas dizem que entre os brasileiros é diferente porque, entre os fom, quando uma criança nasce, consulta-se o Fá para dar-lhe um nome e tudo isso. Entre os brasileiros, não se consulta o Fá para dar o nome. E também, nas cerimônias fúnebres e tudo isso, tem uma diferença, mas as famílias brasileiras com quem eu discuti até agora, eles jogam o jogo. Por exemplo, Dupuis, a família De Souza, que liga toda a participação, no Fá, no negócio, eles queriam levar os Zamgbéto e os retornados na cerimônia de entronização do Chachá. E a gente lá do Togo não queria isso, porque tem um monte de ??⁵⁴, de encantamento, etc. Então, eles não querem os Zamgbéto, eles não querem nada na cerimônia da entronização. Disseram-se, eu pergunto por que é o senhor Honoré de Chachá? Por que não é outro? Porque é o Fá que determinou. Mas desde que se coloca um outro ??⁵⁵ de Fá, ele desaparece. Tem uma eleição, então ele foi eleito. Então, o senhor Prosper me dizia: “Antes a gente consultava o Fá, mas agora não consulta mais”. E eu sei que não é verdade porque foi o senhor Prosper mesmo que designou o Babalaô que consultou o Fá para saber sua mensagem. E eu sei também que o Babalaô que foi designado pelo senhor Prosper é alguém em perfeita sintonia com todos os outros membros da família, etc. Estar certo que a escolha [do Fá] vai cair sobre alguém [desejado] é possível. Dizer que ele é vidente e blá-blá-blá. Mas tem uma coisa que eu queria retomar rápido porque nós discutimos, discutimos, e me perco um pouco. Aproveitamos sempre. O senhor falou do complexo de superioridade do brasileiro e etc. Mas o senhor sabe que até hoje os brasileiros são chamados de escravos, no mercado, na rua, nas escolas; e os brasileiros chamam os outros de “selvagens”, “ignorantes”. E eu, eu perguntei. Isso é uma questão que eu me coloco muitas vezes. Eu fiz uma entrevista com o chefe da família Paraíso. E, desde que eu cheguei lá... Tinha dezessete Paraísos, todos juntos para essa entrevista. Eu perguntei: “- É verdade que os brasileiros são chamados muitas vezes de escravos?”. Eles responderam: “- Sim, é verdade. Na escola, no mercado. E a gente não está nem aí porque, mais do que depressa [eles dizem]: ‘Felizmente que nós fomos escravos porque nós trouxemos a civilização aqui. Vocês são selvagens, ignorantes, etc.’”. E depois, eu disse... bom, eu perguntei a um amigo fom que disse: “- Sim, mas na escola, tem o brasileiro, nós não o chamamos de escravo, mas, ao mesmo tempo, esse brasileiro diz que nós somos selvagens, ignorantes”. E bem, logo de cara me dizem que é isso que se passa até hoje.

PD - Sim.

MG - E como podemos parar isso? À parte essa discussão de moleque na escola? Na igreja se passa algo assim? Os brasileiros se sentem mais dotados para o catecismo, para ajudar na missa? Tem esse jogo também no seio de uma paróquia, não?

⁵⁴ Pontos de interrogação no manuscrito. Dúvidas da transcrição.

⁵⁵ Idem.

PD - Não. ???⁵⁶

MG - Uma coisa que me chocou muito, eu assisti ao lançamento da festa do Bonfim, em Porto Novo. A igreja estava cheia, tinham muitas pessoas vestidas de branco, bem vestidas, com roupas europeias, né. E as gravatinhas borboleta e tudo isso, com coisas escritas ???⁵⁷. Tinha a bandeira ???⁵⁸ brasileiro, escrito em brasileiro, disseram que veio da Bahia. E eu penso, é igual ao que a gente encontra lá [no Brasil]. Era a bela igreja do verão. Eu falava com o padre ???⁵⁹. Ele até me autorizou a tirar algumas fotos porque tinha todo um décor brasileiro dentro disso. E a igreja estava cheia. Aliás, não sei quantas igrejas cheias ainda existem, né. O padre falou, eu segui bem as partes do evangelho que ele escolheu para ler, etc. E o discurso dele, aquilo que ele escolheu para ler, ele mesmo, alguém disse durante a missa, são coisas já estabelecidas. Eles perceberam aquilo. A segunda que me surpreendeu⁶⁰. Então nada mudou em seu sermão. Ele não pronunciou nenhuma vez a palavra brasileiro. Ele não pronunciou uma única vez as palavras Senhor do Bonfim⁶¹. O que isso quer dizer? O Bonfim não existia nessa igreja naquele momento. Ele aceitou o símbolo exterior, ele aceitou a faixa com o nome, as bandeiras, etc., mas para ele [o Bonfim] não existia, de tudo. Eu não discuti com os brasileiros, assim, porque eu disse, bom, eu não quero, vou esperar um pouco. Mesmo com o padre, do porque ele não falar do Senhor do Bonfim.

PD - É que há duas explicações para isso. Primeiro tem o fato que, para ele, ele não é brasileiro, isso não interessa para ele, e ele não quer dividir sua comunidade cristã insistindo sobre uma parte, então... Depois, em segundo lugar, ele se diz: “- Existe isso, as pequenas confrarias, como as congregações, sociedades do Santo Menino Jesus, da Imaculada Conceição, do Rosário, do Sagrado Coração, muitas. Então, se fosse preciso insistir sobre todas elas, não teria fim. Não vamos nos perder nas pequenas divisões, assim, as confrarias”. Isso se explica. Eu, pessoalmente, não quero agir assim.

MG - Sim, estou totalmente de acordo com o senhor, com sua explicação. Mas...

PD - E então, não podemos esquecer, sobre o clérigo, isso é muito claro, a todos os níveis, do alto a baixo, os católicos, eles são muito romanos. Então, eles fazem as coisas, sobretudo a liturgia em ???⁶² romano, tal ou tal liturgia dominical oficial, então, é isso o que a gente faz. Assim, a gente não se perde nos pequenos detalhes das confrarias, ou dos aniversários de irmãos, da família, etc.

MG - Concordo com tudo isso. Mas o problema é que eu chego lá e os brasileiros, eles dizem: “Ah, vamos festejar o espírito brasileiro no domingo!”. Não é bom, né. Então essa missa está marcada e eu chego lá e tem bandeiras do Nosso Senhor do Bonfim e mesmo no altar, a bandeira estava atrás do padre. Quando o padre fez a comunhão, a

⁵⁶Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Literalmente: “La deuxième qui m’a surprise, ha”.

⁶¹ No manuscrito está escrito “??? et Monfim”, mas parece tratar-se de “Senhor do Bonfim”.

⁶² Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas da transcrição.

bandeira estava atrás dele, a bandeira estava então no espaço sagrado o mais sagrado. Então, se ele, dentro da sua liturgia romana, ele permite a bandeira de uma confraria, é ele que permite. Ele sabe muito bem. O que me espantou é que ele não usou nem mesmo o nome Senhor do Bonfim. Porque ele estava sabendo que todo mundo estava lá por causa desse Senhor do Bonfim. Se fosse alguém que tivesse morrido, ele diria o nome do morto, se fosse uma missa para não importa quem tivesse morrido, dizemos: “- Aí está fulano que blá-blá-blá”. Então a coisa mais delirante, o que me chocou, é que ele não disse, vamos ajudar a acolher hoje um filho de isso, aquilo, aquilo outro. A comunidade ???⁶³ Senhor do Bonfim é uma festa, é a novidade de mais de um século, não é brincadeira. Bem que Aupiais aproveitou da presença dos brasileiros para ir ao mercado, etc., e fazer a festa ???⁶⁴. Então, não é uma paróquia qualquer, perdida no mato. Exatamente. O padre Aupiais mesmo ele tem um outro ???⁶⁵ sobre a comunidade brasileira? É isso que me pergunto?

PD - Eu não me espanto, vindo do clérigo local.

MG - O senhor acha que é uma visão dele, não é uma orientação da igreja?

PD - Não, não.

MG - E o que é interessante é que, o senhor sabe que em Porto Novo as coisas são divididas. Têm os brasileiros, primeiro, a família Da Silva, que é a associação dos retornados brasileiros e muçulmanos. E tem o lado católico. Tem duas associações. Mas, além disso, têm os católicos que são ligados à família Da Silva. Porque tem os Da Silva católicos. Sim, tem famílias católicas ligadas não no sentido religioso, mas no sentido político. Por exemplo, todos os brasileiros estavam na festa do Senhor do Bonfim. ???⁶⁶ ele próprio disse que estava na festa de ???⁶⁷. Temos o carnaval e todo mundo vai para a rua, e isso parece um pouco um tipo de carnaval, como a gente faz no Brasil. Muito, muito. Sobretudo os antigos carnavais porque hoje as coisas mudaram um pouco. Mas os carnavais dos anos 30, 40, 50... É parecido.

PD - As pessoas fazem *caleta*, *caleta*⁶⁸.

MG - Não é revolucionário.

PD - Isso depende das máscaras.

MG - Ah, sim. Isso quer dizer em português *careta*, absolutamente. O senhor tem razão, salvo que não utilizamos mais *caleta*. Usamos *caletas* na noite [de carnaval] não no desfile do cristianismo. Mas a história que me contaram... Eu penso, tem coisas possíveis. É que, quando o padre Aupiais chegou lá, tinham os brasileiros que estavam na igreja e ele disse: “- Isso não funciona. O que a gente pode fazer para interessar as

⁶³ Pontos de interrogação do manuscrito.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Palavra derivada de “*careta*”, como se vê na sequência da entrevista.

peças?”. Então, ele decidiu que tem um dia do mês lá que a gente faz a festa, ???⁶⁹ e depois da refeição ???⁷⁰, etc., e fazemos a missa. Fazemos o teatro como faziam no Brasil e em outros lugares. Fazemos a Paixão de Cristo depois do teatro, etc. Fazemos a refeição e depois da refeição, fazemos um cortejo, e esse cortejo no mercado é para que as pessoas que foram ao mercado venham para a igreja, etc. E então, esse cortejo aí, que era os brasileiros que faziam, que os brasileiros que transformaram em carnaval, na medida na qual eles fizeram esse cortejo à moda que nós fazíamos esse cortejo no Brasil, no fim dessa última, mas era já o carnaval. E é assim que começou o carnaval de Epifânia lá. Então, é bem isso. Mas o padre Aupiais, será que ele deixou alguma coisa aqui? Essa é a história que o padre ???⁷¹ me contou.

PD - Epifânia entrou na [o] ???⁷². De uma maneira geral, temos a impressão que, mas estou aqui há mais de quarenta anos. Mas tenho a impressão que os brasileiros, os portugueses, perderam bastante da influência, da classe, que tinham há quarenta anos. Isso está voltando agora com a renovação, o renascimento do Benim. Mas, há cinco anos, mais ou menos, ou depois da independência, né. Porque os, a família De Souza, o 8 de dezembro (Imaculada Conceição), tinha uma grande procissão, na véspera, à noite, uma grande procissão em Uidá, e depois a procissão passeava a Virgem Maria com cantos, danças, etc. E tinha toda uma novena preparatória antes da grande procissão do 8 de dezembro mesmo, quando a missa e depois a família De Souza convidava todas as personalidades, todos os padres, todas as freiras de Uidá e das redondezas. Isso desapareceu faz uma quinzena de anos, eles não fazem mais isso. E, de uma maneira geral...

MG - La?⁷³ continua?

PD - Sim, ainda tem, mas é muito menos importante do que era. E então, tinha muita festa, assim, dos portugueses que desapareceram, sobretudo, depois da revolução e tudo isso. Isso está voltando agora, um pouco. Mas tenho a impressão que tem uma geração de padres de Porto Novo que foi educada fora de tudo isso; e isso perdeu sua importância. Mas com Uidá 92, que eles fizeram aqui, o governo organizou encontros internacionais, teve bastante folclore. Teve não somente folclore vodú, mas bastante folclore português aqui. Muitas danças, caça, cantos, mascaras de portugueses em Uidá, sobretudo.

MG - Bom, eu não estava na Uidá 92. Eu bem constatei. Mas não falamos de brasileiros, portugueses. Disseram que o senhor Soglo fez isso porque foi envenenado, encantado ??⁷⁴

⁶⁹ Pontos de interrogação no manuscrito.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem.

⁷² Idem.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Idem.

PD - Oh, não! Ele fez isso, isso foi internacional. Tem uma organização que eles chamaram de Rota dos Escravos, etc., o quinto centenário da descoberta da América. E depois, eles têm em Nantes, na procura dos antigos portos negreiros, organizado exposições, etc. E depois eles impulsionaram isso no Senagal, em Gorê, e aqui em Uidá. Eles organizaram, e aqui eles fizeram a mesma coisa. Organizaram festividades, exposições, manifestações tipo aniversário da descoberta da América e da escravidão⁷⁵, etc. Isso foi muito orientado, dirigido pelos estrangeiros europeus.

MG - Padre Dupuis, diga-me uma coisa. O senhor está aqui há 40 anos?

PD - Sim, [cheguei] em 1951 exatamente.

MG - Faz quarenta anos agora. Qual é a impressão do senhor sobre essa comunidade? A opinião do senhor sobre essa comunidade de agudás, os brasileiros? Antes de tudo, existe uma comunidade de brasileiros no Benim? Ou existem somente pessoas que portam sobrenomes brasileiros, portugueses?

PD - Não, tem certamente uma comunidade brasileira, eu digo que isso era mais forte há 30 anos, 40 anos do que agora. Tem incidências na política, pegaram coisas, então, tiveram famílias que se afirmaram do lado dos brasileiros, tem os missionários ???⁷⁶ que não rebaixaram, mas diminuíram a importância da comunidade brasileira. Eles eram os únicos evoluídos no país. Dizemos que de todos os estudantes que foram para a França, os funcionários, os ministros que saíram da independência, tem outras rivalidades que surgiram.

MG - Mas se você entra numa casa brasileira, numa casa fom, numa casa gom, numa casa iorubá, as pessoas evoluídas que fizeram estudos, etc., você sente a diferença, que traz essa questão para os dias de hoje. Há um século, os brasileiros eram os únicos que tinham mesas, camas e cadeiras. E hoje, todo o mundo tem mesas, camas e cadeiras. Bem, a diferença não é a mesa, a cama e a cadeira. Dizem sempre assim: “-Porque se entramos numa casa brasileira vemos imediatamente que é diferente, que é uma casa brasileira”. E então eu me pergunto por que ninguém vai dizer tudo isso. Eu vim aqui e eu vejo a diferença. Queria saber se o senhor também, se o senhor olha, o senhor percebe uma diferença entre uma casa fom e uma casa brasileira?

PD - Ah, sim. Enquanto padre, primeiro os brasileiros tem muito mais respeito, deferência, consideração pelos padres, aí a gente sente. Mas é a geração dos espanhóis, dos portugueses, a gente vê muitas gerações disso. Isso se sente e eles mantiveram esse estado de espírito. A atitude em relação aos padres. Enquanto padre, isso é muito sensível. Agora, se outro vai sentir eu não sei. Enquanto padre é sensível.

MG - E quando o senhor era professor no seminário, tinham mesmo muitos brasileiros que estavam na igreja, né?

⁷⁵ Certamente o padre Dupuis não intencionava dizer “aniversário da escravidão”, mas no manuscrito se lê: “des sortes d’anniversaires, de la decouverte de l’Amérique et de l’esclavage”.

⁷⁶ Pontos de interrogação no manuscrito.

PD - Sim.

MG - Tem diferença entre um aluno brasileiro e outro não-brasileiro? Alguma coisa como a escritura?

PD - O fato é que a gente lutou contra isso no seminário. Por exemplo, interditamos os sapatos dos seminaristas. Obrigávamos todo mundo a ficar descalço até 1960 [?] ⁷⁷. No começo, quando eu estava lá, 1952 até a independência. A gente queria, porque tinham uns que iam para lá com roupas, sapatos.

MG - Os brasileiros?

PD - Sim. Então, nós os obrigávamos, nós sabíamos que eles procuravam “esmagar” os outros. Nós os obrigávamos a ficar descalços, proibíamos os sapatos, pequenas coisas assim, né. Bom, vamos comer porque...

⁷⁷ A caligrafia não está fácil, pode ser outra data.